

Basiliscos que matam com o olhar e cobras que empalam com a cauda: as serpentes não peçonhentas na América portuguesa do século XVI¹

Basiliscos que matan a la mirada y las culebras que empalan con la cola: las serpientes no venenosas en la América portuguesa del siglo XVI

Basilisks that Kill with the Vision and Snakes Impale with his Tail: no Venomous Snakes in Sixteenth Century Portuguese America

AUTORES

**Christian Fausto
Moraes dos Santos²**

Universidade
Estadual de Maringá,
Paraná, Brasil
cfmsantos@uem.br

**Wellington
Bernardelli Silva
Filho³**

Universidade de Lisboa
Lisboa, Portugal
fc45881@alunos.fc.ul.pt

**Eulália Maria
Aparecida de Moraes**

Universidade
Estadual do Paraná,
Paraná, Brasil
emamoraes@unespar.br

RECEPCIÓN
17 de mayo de 2013

APROBACIÓN
25 de octubre de 2013

DOI

10.3232/RHI.2013.
V6.N2.05

Este artigo analisa as descrições do basilisco e as serpentes constritoras do Novo Mundo feitas pelos viajantes, clérigos, colonizadores e cronistas europeus que estiveram na América portuguesa durante o século XVI. Observamos nestas descrições, além de uma preocupação manifesta em classificar e entender as características destes animais, uma reciprocidade com as obras de diferentes autores, tanto europeus quanto da América espanhola, que remontam períodos anteriores e posteriores aos século XVI.

Palavras-chave: **Fauna brasileira; Taxonomia; Herpetologia; Boidae**

En este artículo se analizan las descripciones del basilisco y serpientes constritoras del Nuevo Mundo hechas por viajeros, clérigos, colonos y cronistas europeos que se encontraban en la América portuguesa durante el siglo XVI. Observamos en estas descripciones, más allá de la preocupación expresada en la clasificación y la comprensión de las características de estos animales, una reciprocidad con los trabajos de diferentes autores tanto los europeos como de la América española, que se remonta a los períodos anteriores y precedentes del siglo XVI.

Palabras clave: **Fauna brasileña; Taxonomía; Herpetología; Boidae**

This article analyzes the descriptions of the basilisk and constrictor snakes of the New World made by travelers, clerics, settlers and European chroniclers who have visited the Portuguese America during the sixteenth century. We observed in these descriptions, beyond of a concern expressed to classify and understand the characteristics of these animals, a reciprocity with the works of different writers, both Europeans and Spanish American authors, dating back to periods before and after the sixteenth century.

Key Words: **Brazilian fauna; Taxonomy; Herpetology; Boidae**

Introdução

A serpente é encontrada como personagem de destaque, desde os mitos cosmogônicos até as profecias escatológicas da maioria das sociedades, as quais tiveram contato com ela⁵. Entretanto, não é incomum perceber que em algumas civilizações estes répteis foram representados de forma negativa. Na mitologia, não raro, as serpentes se apresentam de formas monstruosas, como é o caso da serpente marinha que, por ordem de Poseidon, devorou o sacerdote *Laocoon* e seus filhos, para impedi-los de avisar os troianos sobre o real propósito do cavalo de madeira presenteado pelos gregos⁶. Essa conotação depreciativa torna-se irônica ao constatarmos que, das mais de 3000 espécies existentes no globo, nenhuma têm o ser humano como fonte principal de alimento, atacando-os tão somente caso sintam-se ameaçadas ou em condições extremas de fome⁷.

Nos mitos e lendas de várias sociedades humanas, as serpentes não estiveram circunscritas somente aos papéis monstruosos. Para os gregos da antiguidade, serpentes também eram tomadas como símbolo de saúde. Estas podiam ser encontradas no ombro das estátuas da deusa *Hygeia*. Também não era incomum a associação entre a sabedoria e os ofídios, como nas serpentes que se entrelaçam no bastão de *Hermes*⁸. Entre os povos *Desana* da Colômbia, assim como nos aborígenes australianos, existe uma importante correlação entre ofídios e as graças da chuva⁹. O mesmo caso pode ser visto com a serpente emplumada *Quetzalcóatl*, importante divindade das culturas astecas e toltecas, onde era considerada deusa da chuva, criadora dos seres humanos e quem lhes mostrou o milho, gênero alimentício fundamental na dieta destas sociedades¹⁰. A ligação da serpente com a água é igualmente relacionada a *Amaru*, serpente divina proveniente da cultura andina, qual tinha uma estreita relação com os canais de irrigação agrícola¹¹.

O basilisco do Novo Mundo

Dentre as serpentes monstruosas, uma se destacou por figurar extensamente na mitologia europeia. Tratava-se do basilisco, criatura considerada símbolo da alquimia e magia, amplamente representada em iconografias envolto a uma espada ou cajado, ou ainda devorando um ser humano. O que, simbolicamente, significava a iluminação ou gnose do homem devorado por meio da sabedoria¹³. Morfologicamente, o basilisco possuía cabeça como a de ave e corpo próximo ao da serpente. Com menor frequência, algumas descrições afirmavam que ele possuía cabeça de leão, corpo de homem e/ou patas de escorpião¹⁴. Essa configuração física, de um monstro que congrega várias partes de animais diferentes, pode ser vista na gravura que estampa a capa da obra *Prima Quarta Pars Summe Reverendissimi in Christo Patris ac Domini Domini Antonini Archiepiscopi Florentini* de Santo Antônio Arcebispo de Florença, impressa na Suíça em 1512. Nessa iconografia, um basilisco com cabeça de galo, corpo de dragão e garras de rapina, sustenta as armas da cidade da Basiléia.



Figura 1: Frontispício do livro *Prima Quarta Pars Summe Reverendissimi in Christo Patris ac Domini Domini Antonini Archiepiscopi Florentini* (1512) de Santo Antônio Santo Antônio Arcebispo de Florença.

Para o europeu do século XVI, sua figuração não estava circunscrita unicamente à mitologia, visto que o basilisco era tido como um perigo real, sendo considerado o rei das serpentes nos bestiários medievais europeus¹⁵. Além do próprio basilisco, a crença na existência de animais monstruosos estava enraizada na cultura europeia desde a antiguidade. Sustentada pela cultura popular e, posteriormente, pelos bestiários medievais, estes seres infligiam aos homens uma ameaça real¹⁶. O terror causado por seres alados, como o basilisco, fez com que, durante o século XVII, a Sociedade Real de Londres, presidida por Isaac Newton (1643-1727), financiasse uma missão para os Alpes europeus em busca de dragões¹⁷. Em um universo onde todas as criaturas, fossem animais ou vegetais, se correspondiam mutuamente em uma grande cadeia¹⁸, os monstros eram os seres deslocados dessa ordem natural¹⁹.

Por esta época, quando se tinha de fazer a história de um animal, inútil era escolher entre o ofício de filósofo natural²⁰ e o de compilador. Para se lidar com os seres vivos era preciso, numa única e mesma forma de saber, recolher tudo o que fora contado pela natureza e pelos homens, pelas tradições, pelos contos e cantos acerca daquela espécie em questão. Conhecer

um animal ou planta era especular e recolher todo e qualquer signo que sobre eles repousasse. A dissociação que hoje fazemos entre mito, ciência e literatura, era algo inconcebível àquela época. O dragão gravado no escudo do senhor feudal era o mesmo que ocupava as montanhas da Suíça²¹.

Conhecido por ser uma criatura que poderia ser encontrada nos mais diferentes habitats, o basilisco também foi avistado na América portuguesa. Em 1555, o frade André Thevet aportou na Bahia de Guanabara, onde se localizava a colônia francesa dirigida por Nicolas Villegagnon. Em sua obra *As singularidades da França Antártica*, o piedoso frade descreveu que “nesta região encontram-se diversas feras extremamente perigosas e peçonhentas, entre as quais o basilisco, que é mais nocivo para as pessoas que vão pescar no litoral [...]”²². O basilisco seria uma das feras mais temidas e peçonhentas do novo território.

A área de maior incidência da besta seria o litoral da colônia, o que representava um perigo considerável à todos aqueles homens que se encontravam próximos das praias e enseadas. Como se não bastasse toda má fama acumulada em séculos de descrições europeias²³, a espécie encontrada no Novo Mundo era “um animal venenoso que mata o homem apenas com seu olhar”²⁴. Um traço comportamental que nenhum colonizador gostaria de comprovar com os próprios olhos.

Essa condição, de matar uma pessoa com o lançar de seu olhar também podia ser encontrada na descrição do basilisco encontrado no bestiário *Serpentum, et Draconum Historiae*, obra póstuma do enciclopedista e filósofo natural Ulisses Aldrovandi, publicada em Bologna no ano de 1640. Aldrovandi publicou três volumes in-fólio sobre aves e insetos pouco antes da sua morte, além de onze volumes que seus alunos publicaram a partir de suas notas²⁵. O autor italiano afirmou ser o basilisco uma serpente detentora de um dos piores venenos do mundo, visto que “[...] o basilisco é um animal tão destrutivo que, com a visão, silvo ou hálito matam em apenas um toque não somente homens, mas também outros animais”²⁶. Os bestiários medievais europeus afirmavam que a única forma de matar o basilisco era fazê-lo ver seu próprio reflexo em um espelho, de preferência, feito de aço²⁷.

As semelhanças entre o basilisco encontrado por Thevet, na América portuguesa, e o retratado por Ulisses Aldrovandi, quase um século depois, vai além da sua curiosa forma de matar. O frade francês, quando se deteve na morfologia do monstro, afirmou que sua “[...] cabeça é levantada, lembrando um ferrete em brasa, ostentando no alto, qual coroa, uma pequena mancha branca”²⁸. Essa mesma mancha, em forma de coroa, era encontrada nas ilustrações de Aldrovandi a respeito do basilisco africano (figura 2)²⁹. A espécie africana possuía ainda cauda de serpente, quatro pares de patas, cabeça de galináceo e, no topo de sua cabeça, ostentava uma coroa³⁰. A mesma coroa podia ser encontrada em outra ilustração da mesma obra, onde o filósofo natural italiano debuxou o basilisco descrito por Jacques Grévin (figura 3) em sua obra *De Venenis*, de 1571. Ao contrário da ilustração anterior, esse segundo basilisco de Aldrovandi manifestava, de maneira mais realçada, características físicas mais próximas às serpentes.

No século XVI, a distribuição geográfica do basilisco ainda parecia ser ampla e recorrente. Como todo monstro, esta criatura tinha por habitat lugares ermos e pouco explorados. Característica que, certamente, ajudou alguns colonizadores a encontrarem o basilisco habitando as selvas da América portuguesa.



Figura 2: Ilustração do basilisco africano feita por Ulissis Aldrovandi na obra *Serpentum, et Draconum Historiae*, impressa em 1696.

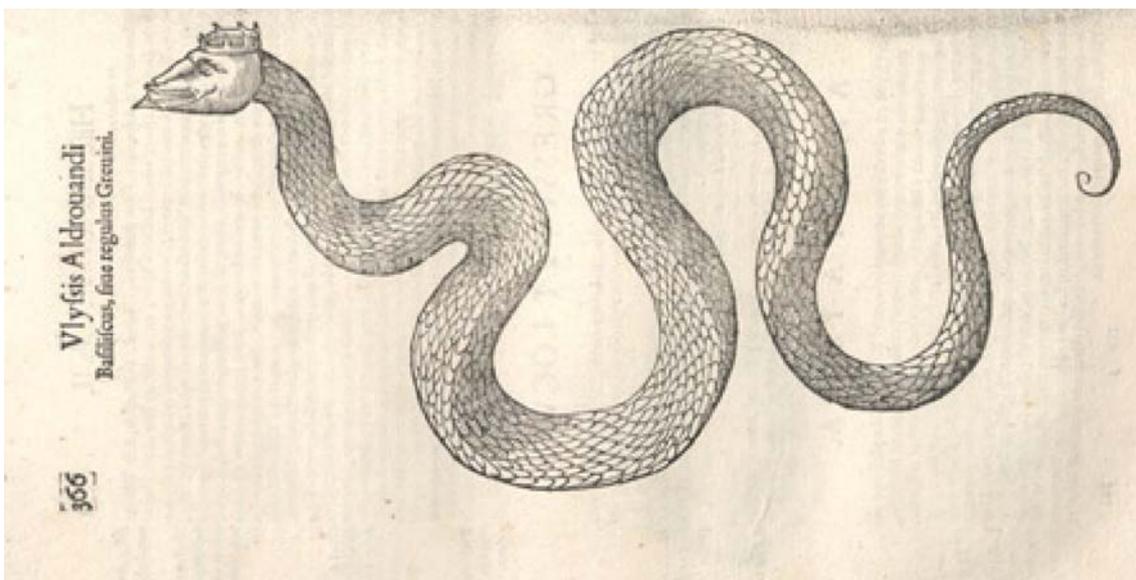


Figura 3: Ilustração do basilisco feita por Ulissis Aldrovandi, à partir da descrição de Jacques Grévin, que se encontra na obra *Serpentum, et Draconum Historiae*, impresso em 1696.

Sucuris e jiboias: as serpentes que se regeneravam

Os colonizadores da América portuguesa, ao descreverem as serpentes com os quais entravam em contato, não raramente, atribuíam faculdades notáveis a estes répteis, como a reconstrução de seus corpos. O poder regenerativo destes animais foi observado nos relatos de sucuris (*Eunectes sp.*), conhecidas na América portuguesa do século XVI como *sucurijuba*, *sucuriú* ou ainda nomeada por outros como *sucuryúba*.

Os textos afirmavam que, após alimentarem-se de uma presa de dimensões maiores que o normal, como um veado de grande porte, estas rompiam seu próprio ventre, conservando apenas sua cauda, vértebra e cabeça imaculadas. O padre Francisco Soares relatou essa propriedade das sucuris que, após romperem seu ventre, se reconstituíam e “[...] pouco e pouco iaõ criando outra carne noutra e saião dali viuas [...]”³¹. Nos parágrafos de sua obra, dedicados a listar as *cobras d’água doce e lagartos* existentes na colônia portuguesa no Novo Mundo, o padre relatou a existência das *Sucurijuba*, que se alimentavam de antas (*Tapirus terrestris*), pacas (*Cuniculos sp.*) e veados (Família Cervidae). Escreveu o padre que, quando tais serpentes comiam “[...] não pode andar ao longo dagoa ou onde ha lama e mete a cabeça e o Rabo debaixo e a mais carne fica ao sol e apodrece [...]”³². Após isso, o clérigo relatou que aves se alimentavam desta carne podre, ao ponto que “[...]a deixaõ no espinhaço [...]”³³. Finalizado o processo, ela “[...] se leuãta e torna a criar carne noua e pouco e pouco torna a viuer [...]”³⁴.

Descrição semelhante fez Pero de Magalhães Gandavo, o qual afirmou que “[...] isto virão e exprementarão muitos indios e moradores da terra, a estas chamão pela lingua dos indios giboiossú”³⁵, referindo-se às jibóias (*Boa constrictor*) que, assim como as sucuris, detinham a capacidade de reconstituírem seus corpos.

O senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa observou que as serpentes da família Boidae, após ingerirem uma anta ou animal de grande porte, conservavam inércia absoluta em um local ao sol “[...] até que lhes apodrece a barriga, e o que têm nela[...]”³⁶. Como se não tivessem sistema digestivo competente o suficiente para tamanha refeição, seu estômago se deteriorava, logo sendo alvo da atenção de urubus (Família Catharidae), estes sabidamente carneiros. Após os urubus comerem a carne da jiboia até que “[...] não lhes deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo [...]”³⁷, a serpente reconstituía, gradativamente, as partes de seu corpo devoradas, até retomar sua forma original.

Vale observar que este gênero de serpente, que habita locais aquáticos e pantanosos, após se alimentar de um animal de grandes dimensões, tem por característica ficar submersa e entrar em inércia. Durante a digestão é comum a região estomacal boiar ao nível da água³⁸. Não parece estranho inferir que a visão de um ofídio deste porte, com parte de seu estômago emergindo na flor da água por vários dias, pudesse levar os europeus a pensar que ela estava morta ou, ao menos, entrando em estado de putrefação. Afinal, tudo o que morre na água incha e flutua.

A narração encontrada em uma carta do Padre José de Anchieta também remete ao incrível poder regenerativo destes répteis. Tomando como exemplo a atuação do Pe. Francisco Xavier no Oriente, Anchieta chegou, aos 20 anos, como missionário na Capitania da Bahia de Todos os Santos em 1553. No mesmo ano, ajudou na fundação da vila de Piratininga. Escreveu grande número de cartas e epístolas a respeito da natureza da colônia, seus habitantes e as ações da Companhia no *Novo Mundo*³⁹. Em uma de suas cartas, Anchieta descreveu a propriedade de regeneração das *sucuryúbas*. Estas, após engolirem uma presa de grande porte, recebiam a visita das aves de rapina que se alimentavam da sua carne em putrefação. Tempos depois, “[...] a cobra, disforme, meio devorada, começa a reformar se, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe por cima a pele, e volta á antiga fôrma”⁴⁰.

E as serpentes continuaram a se regenerar

A percepção de regeneração física destas serpentes não ficava circunscrita à América portuguesa quinhentista. Esta, comparativamente, também foi ratificada em outros territórios, bem como em períodos posteriores ao século XVI. O clérigo jesuíta peruano Ruiz de Montoya publicou, em 1639, a obra *Conquista Espiritual feita pelos Religiosos da Companhia de Jesus* em que relatou os ofícios empregados por esses religiosos na província do Paraguai, bem como suas características físicas e naturais. Logo nas primeiras páginas do texto, Montoya se deteve em descrever as ameaças existentes no território da América espanhola, bem como os animais perigosos ali existentes, dando especial ênfase aos ofídios. Apesar de não identificar quais eram as serpentes que fazia menção Montoya, ao descrevê-las, afirmou que “[...] o calor que possuem não é o bastante para digerir um grande veado ou javali [...]”⁴¹.

Ruiz de Montoya, provavelmente, teve contato físico com o ofídio que descreveu, pois serpentes são heterotérmicos. Animais heterotérmicos possuem temperatura variável, que pouco se diferencia da temperatura ambiente. Popularmente chamadas de animais de “sangue frio”, serpentes, como a descrita por Montoya, tiveram sua fisiologia interpretada à luz do paradigma neoplatônico. A partir deste princípio interpretativo, não foi difícil associar a baixa temperatura corporal destes répteis a uma ineficácia digestiva.

O jesuíta relatou que estes animais procuravam o calor dos raios de sol, até que a carne que retinha em seu ventre, juntamente como o próprio ventre, apodrecessem. A procura por banhos de sol, hábito comum em ofídios, também foi interpretada, por Montoya, como parte de um comportamento típico de seres gerados pela corrupção. Descreveu o clérigo que pássaros alimentavam-se de carne pútrida e “[...] passando esta corrupção, voltam a recobrar seu couro [...]”⁴². O jesuíta peruano fez uma descrição muito similar ao que encontramos nas fontes portuguesas do século anterior. Detalhes como a deterioração do estômago, a presença de pássaros se alimentando de seu corpo, bem como a regeneração à sua forma original foram narrados por outros cronistas do século XVI.

Interessante observar como a descrição deste desagradável processo digestivo das serpentes Boidae persistiu pelo tempo. No século XVIII, outro clérigo português registrou que a digestão e putrefação eram fenômenos quase indissociáveis na fisiologia destes répteis. A obra

do padre João Daniel (1758-1776), concebida enquanto se encontrava no cárcere, conta com, aproximadamente, oitocentas folhas escritas durante os 18 anos últimos anos de sua vida⁴³. Ao descrever as serpentes existentes no Amazonas, João Daniel relatou a existência da jiboia, qual considerava a “[...] cobra mais célebre do Amazonas, e do Brasil pela grandeza, e pela voracidade com que de uma vez come um veado, um homem, ou um boi [...]”⁴⁴. Afirmou o impressionado padre que, após tais serpentes se alimentarem:

[...] sentindo-se gravada com a ossada, se finge de morta, e estira com a barriga para cima. Acodem logo urubus, e outras aves a picá-la, e fazer-lhe anatomia na pele, até abrirem a barriga, e quando se sente já com boa brecha se vira, e deixando cair a ossada vai buscar a sua vida⁴⁵.

Na segunda metade do século XVIII, o bispo do Grão Pará, Dom Frei João de São Joseph Queiroz, em sua *Viagem e Visita do Sertão em o Bispado do Gram Pará*, também relatou o bizarro sistema digestivo destas serpentes. Em um excerto acerca de uma navegação, o clérigo relatou ter visto uma serpente chamada *sucurijú*. Afirmou ele que estas, após ingerirem um veado ou boi “[...] sucede corromper-se; mas provida a natureza aparta uma membrana por onde bem facilmente expulsa toda a podridão, e torna a unir soldando perfeitamente”⁴⁶. As passagens do bispo, assim como a do padre João Daniel, se assemelham consideravelmente aos relatos feitos, séculos antes, por Anchieta, Sousa, Soares e Gandavo. O entendimento acerca do processo de digestão das serpentes Boidae, por meio da decomposição de parte de seu corpo, parecia ser amplamente aceito e compartilhado pelos colonizadores europeus, propagando-se até século XVIII.

A filosofia natural das serpentes do Novo Mundo

Para o humanismo renascentista, a percepção propiciada pela filosofia natural era de suma importância, visto a crença de a natureza ser, a exemplo da bíblia, um livro escrito por Deus⁴⁷. Tal perspectiva implicava na concepção de que tanto as escrituras, quanto a natureza não poderiam ser estudadas separadamente, como se ambas tivessem um fim em si mesmas⁴⁸. A observação dos fenômenos e seres do mundo natural era compreendida enquanto uma tarefa dotada de elementos divinos. Afinal, identificar o princípio curativo na folha de uma planta, ou a periculosidade no comportamento de um predador, poderia ser tanto o decifrar de uma dádiva quanto o constatar de um castigo propalado por Deus através de suas criações. Havia ainda a crença em uma, por vezes, íntima correspondência entre o micro e macrocosmo, entre o homem e o Universo, onde até o menor dos seres estaria ligado às estrelas em uma grande cadeia⁴⁹.

Apesar de todo apelo mitológico que hoje podemos imputar às descrições das serpentes do Novo Mundo, a crença da existência de um poder de regeneração excepcional destes ofídios estava, em grande parte, ligada a um entendimento aristotélico do mundo natural. Uma percepção compartilhada por boa parte dos homens deste período. Vermes, insetos e a maioria dos animais rastejantes eram considerados seres imperfeitos que se geravam, ou mesmo regeneravam, a partir da decomposição, não se originando, necessariamente, por biogenia⁵⁰. Dessa forma, a perspectiva filosófico-natural quinhentista do século XVI, permitia a afirmação de que ofídios da Família Boidae possuíam um espetacular fator de regeneração corpórea.

A existência de um distanciamento entre as obras de Aristóteles e sua interpretação durante o período renascentista tem de ser considerada. Estimulado, em boa parte, pelas divergências existentes entre a filosofia aristotélica e a fundamentação teológica cristã⁵¹, os elementos da filosofia natural, da Europa renascentista, eram resultantes de uma readequação do aristotelismo à cosmogonia e teleologia cristã. Esta releitura teológica não foi uma exclusividade apenas das obras de Aristóteles. O estudo de autores da antiguidade feito, principalmente a partir do século XIII, se deu por meio de uma concepção cristã, descartando ou rearranjando as passagens que não estavam em conformidade com as escrituras⁵³.

Há, nestes relatos, um claro princípio filosófico-natural que não somente permitia, como também normatizava as descrições do fenômeno de decomposição e regeneração de órgãos e tecidos de tais serpentes. O entendimento de que seres vivos poderiam se originar a partir de outros meios, que não por biogenia, foi recorrente durante o século XVI e XVII⁵⁴. Mesmo a lista de animais que Noé teria levado em sua arca suscitou, durante o renascimento, interpretações baseadas na premissa da geração a partir da decomposição.

Segundo o jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601-1680), apesar de Noé ter se preocupado em alocar várias serpentes na arca, seu objetivo não era o de preservar tais espécies da extinção promovida pelo dilúvio. Em sua obra *Arca Noë* (1675), referenciando-se no livro Gênesis da Bíblia, o jesuíta buscou explicar a forma como se deu a dispersão dos animais no Novo Mundo⁵⁵.

O jesuíta empregou conceitos que, durante o século XVII, eram amplamente aceitos no estudo do mundo natural. Para Athanasius Kircher, não haveria a necessidade de Noé ter se preocupado em levar à Arca plantas e todos os organismos de origem aquática, assim como insetos e outros seres que se geravam *espontaneamente*. A maior parte dos homens de letras contemporâneos a Kircher entendiam que vermes, insetos e outras classes de animais eram *imperfeitos*, pois estes nasciam a partir da matéria em decomposição. No próprio relato do Gênesis é citado que Noé, para comprovar o fim do dilúvio, soltou uma pomba que, tempos depois, retorna à Arca com um ramo de oliveira no bico. Uma prova inconteste de que as águas haviam baixado⁵⁶. Ora, como poderia ter surgido a oliveira que a pomba, enviada por Noé, encontrou? Esta teoria também explicava porque Noé não havia coletado sementes para armazenar na Arca. Após o Dilúvio, tais organismos simplesmente voltariam à vida, sem a necessidade de se reproduzirem por biogenia⁵⁷.

Os paradigmas que permitiram a concepção de que plantas, insetos, artrópodes, animais aquáticos e rastejantes poderiam se gerar *espontaneamente* possibilitaram, em grande parte, as descrições de serpentes Boidae na América portuguesa. O traço comum estava no processo de degeneração seguido de regeneração. No caso dos ofídios descritos pelos cronistas, estas características se manifestavam no processo de digestão que previa a putrefação parcial do abdômen, seguida de uma reconstituição completa de órgãos e tecidos. É pertinente notarmos que praticamente todos os cronistas, que descreveram serpentes com poderes regenerativos, chamavam a atenção para o fato de que a coluna vertebral, durante este processo, permanece incólume⁵⁸. Os autores quincentistas, entretanto, não deixam claro porque consideram importante

relatar que a coluna permanece relativamente ilesa. Talvez por acreditarem que a mesma tivesse alguma função neste processo de regeneração ou simplesmente porque, aos olhos deles, a coluna vertebral seria a estrutura mais importante na anatomia de uma serpente.

Serpentes que imobilizavam, empalavam e devoravam

Outra característica marcante nas descrições destes ofídios estava relacionada à sua forma de ataque. O fato de não possuírem peçonha era algo constatado pelos cronistas⁵⁹. Entretanto, ao observarem a ação constritora presente no modo como envolviam, asfixiavam e fraturavam os ossos de suas presas antes de engoli-las⁶⁰, os colonizadores concluíram que a morte das vítimas era causada por um sinistro golpe final. José de Anchieta, afirmou que tais serpentes “[...] matam-os introduzindo-lhes a cauda pelo ânus, e triturando-os com a bôca os devoram inteiros”⁶¹. O jesuíta acreditava que a constrição em si não era a forma do ofídio matar sua presa, mas apenas uma maneira de imobilizá-la para, enfim, inserir a cauda no ânus da mesma.

O senhor de engenho Gabriel Soares de Sousa, ao descrever os hábitos alimentares de tais serpentes informou que os mesmos consistiam em “[...] muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem despedaçar [...]”⁶². Finalmente, após imobilizarem suas vítimas, “[...] buscam-lhe o sesso com a ponta do rabo, por onde o metem até que matam o que têm abarcado; e como têm morta a caça, moem-na entre os queixos para poder melhor engolir”⁶³.

Os cronistas acreditavam que as serpentes do Novo Mundo se valiam de uma técnica de empalamento para matarem a presa. O que contribui àquela perspectiva de que a constrição seria apenas uma arma secundária do comportamento predatório destes ofídios. Assim como José de Anchieta, Gabriel Soares de Sousa descreveu a constrição, seguida de empalamento e evisceração, como golpe final. Este comportamento predatório, atribuído pelos cronistas, era considerado tão brutal que, provavelmente, a constrição era tida como único recurso que permitia, à serpente, submeter sua presa a tamanha aflição.

O empalamento foi mais um daqueles traços comportamentais de serpentes observados em várias regiões do Novo Mundo. Antonio Ruiz de Montoya descreveu ofídios de “[...] três a quatro varas, que habitam matas pantanosas [...]”⁶⁴. Apesar de não ser específico na identificação da espécie, o jesuíta peruano deixou implícito que se tratava de uma sucuri ou jibóia, afinal, tais serpentes habitam regiões pantanosas⁶⁵. De toda forma, os apontamentos de Montoya se distinguem das descrições portuguesas por primar, em detalhes, quando descreveu o comportamento de caça destes ofídios. Ruiz de Montoya afirmou que elas possuíam “[...] um osso que tem muito agudo na cauda e procura ferir na via posterior [...]” . A descrição de Montoya se diferencia das de Sousa e Anchieta por ser a única que *identificou* um osso exposto na anatomia destas serpentes. Talvez porque este detalhe anatômico fosse uma incorporação datada do século posterior.

Mesmo dentre as intrigantes descrições do século XVI sobre o comportamento de caça destas serpentes, ainda há cronistas que conseguem ir além, nos brindando com detalhes ainda mais bizarros. É o caso da descrição feita pelo também jesuíta Francisco Soares em sua obra *Coisas Notáveis do Brasil* (escrita durante o século XVI). Segundo ele, estas “tem no rabo como unha”⁶⁷, a qual insere no sesso de sua presa como forma de matá-la, utilizando “o rabo a lhe tirar as tripas por baixo”⁶⁸. O clérigo ainda afirmou que os índios, tendo ciência do método de predação destas serpentes, ao serem atacados por elas “[...] logo acodem cõ a mão abaixo q’ lhe naõ tirem as tripas [...]”⁶⁹. A eficiência destas serpentes nos relatos de Soares beira o assustador. Pensemos o impacto de tal descrição no século XVI. Imaginar que, no meio das matas e selvas da América portuguesa, uma serpente que não só empalava como também eviscerava, estava à espreita.

Não satisfeito com a descrição do rabo em forma de unha, Francisco Soares em sua *Coisas Notáveis* retomou, em outro momento, as serpentes constritoras. Em passagem que se ocupa dos principais locais de ocorrência e características físicas das jiboias, o clérigo disse que estas “[...] são das maiores em gole hu veado intro [...]”⁷⁰. Como se o comportamento de caça destes ofídios não tivesse sido suficientemente descrito, Francisco Soares voltou a afirmar que estas esperam sua presa que, ao aparecer “[...]lãsase sobre ella e de tal manra a aperta q’ lhe quebra todos os ossos [...] metelhe o Rabo per detras e lhe tira as tripas [...]”⁷¹.

A presença desse osso (ou unha) na extremidade da cauda de algumas espécies de Boidae, não era uma exclusividade das serpentes do Novo Mundo. Seja descrevendo serpentes americanas ou de outros continentes, os homens de letras do século XVI, não raramente, encontravam tais traços anatômicos. Tal peculiaridade pode ser observada na obra de Ulisses Aldrovandi. Em uma de suas tábulas, o filósofo natural italiano desenhou duas serpentes em uma situação de embate (figura 4). Enquanto a figura, na parte inferior do fólio, está apenas sibilando, a que se encontra na parte superior se destaca por estar em uma posição de ataque, com as presas à mostra, além de possuir protuberâncias na forma de chifres em sua cabeça. Por meio da identificação do autor, bem como sua reprodução iconográfica, é provável que tal serpente possa ser a *Cerestes cerestes*, própria do Norte da África e Oriente Médio⁷². O que chama a atenção na imagem é a presença de agulhões, levemente curvados, nas extremidades das caudas destas serpentes. O que nos remete aos mesmos relatados nas Boidae do Novo Mundo.

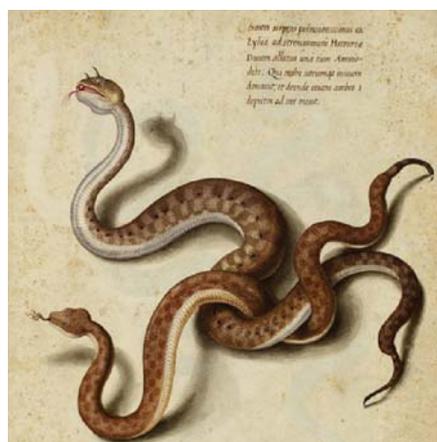


Figura 4: Possível ilustração da *Cerestes cerestes* feita por Ulisses Aldrovandi.

Caso semelhante pode ser visto na bela ilustração *The Boas* (figura 5), encontrada no livro de 1608, *The History of Serpents*, de Edward Topsell. O autor compôs ainda outra obra chamada *The History of Four-Footed Beastes and Serpents* (1607), dedicando seus bestiários à identificação dos animais pelos sacerdotes, para uma melhor interpretação das escrituras⁷³. A serpente do gênero, ilustrada no livro de Topsell, foi retratada com seu abdômen exageradamente distendido. Em sua boca vemos uma pessoa começando a ser devorada, apesar desta, aparentemente, não ter sido previamente submetida à constrição. Talvez porque a Boa retratada já tenha devorado tantas presas que não conseguia mais ter elasticidade suficiente para envolver a vítima humana que se encontra em sua boca.

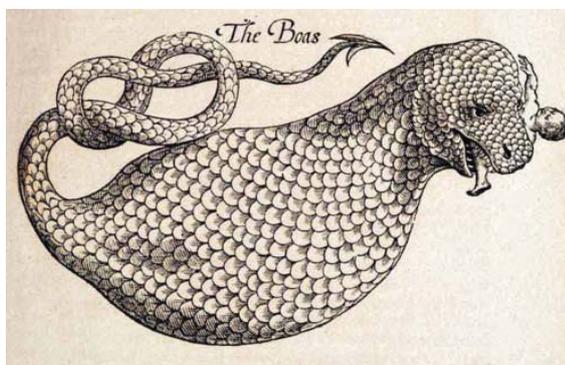
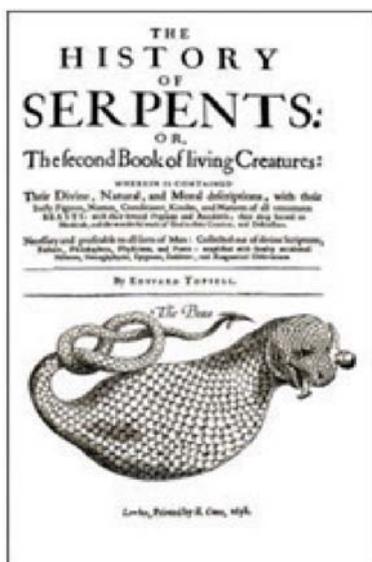


Figura5: Frontispício (e detalhe) da obra *The History of Four-Footed Beastes and Serpents*, de Edward Topsell, editada na cidade de Londres em 1658.

A exemplo do que encontramos na imagem da serpente debuxada por Aldrovandi, a Boa ilustrada na obra de Topsell também exibe um aguilhão na extremidade de sua cauda. Diferentemente de Aldrovandi, este aguilhão ilustrado em Topsell não é pequeno e curvado, mas sim grande e em forma de seta.

A Europa, da segunda metade do século XVI, vivia um momento de efervescência em vários campos do saber. No tocante à filosofia natural, os herboristas, boticários, enciclopedistas e físicos como Leonard Fuchs (1501-1566), Conrad Gessner (1516-1565), Edwar Topsell (1572-1625) e Pietro Andrea Mattioli (1501-1577), empenhavam-se em catalogar e classificar as espécies da fauna e flora. Ênfase especial era dada às espécies animais e vegetais com propriedades medicinais⁷⁴.

Como resultado das explorações realizadas ao longo do XVI, as descrições e ilustrações da natureza passavam a ser cada vez mais detalhadas. Este novo paradigma taxonômico podia ser observado não só dentro do continente europeu, como nos territórios do oriente e ocidente recém descobertos⁷⁵. Emergia-se uma classe de filósofos naturais, colecionistas e curiosos⁷⁶

que se correspondiam, compartilhando descobertas e conhecimentos acerca do mundo natural, permitindo que a filosofia natural se consolidasse enquanto campo de saber nas universidades europeias⁷⁷.

Considerações finais

É importante observarmos que, apesar de haver uma considerável divulgação das obras de autores germânicos, italianos, suíços, franceses e ingleses, a participação ibérica na filosofia natural do século XVI também foi consideravelmente relevante⁷⁸. Autores como Gonzalo Fernández de Oviedo, Joseph Acosta e Bartolomeu de Las Casas, que contataram animais e plantas do Novo Mundo tiveram, por diversas vezes, suas obras traduzidas e comentadas por homens de letras da Europa.

Com efeito, poderíamos afirmar que, no campo da filosofia natural quinhentista, tão ou mais relevante do que a divulgação era o grau de meticulosidade e riqueza de detalhes que compunham as descrições de animais e plantas presentes em uma obra. Este, provavelmente, é o caso do tratado escrito pelo português Gabriel Soares de Sousa. Mesmo tendo escrito uma das obras mais minuciosas a respeito da fauna e flora da América portuguesa, a leitura das descrições presentes no Tratado Descritivo do Brasil (1587), esteve restrita a poucos de seus contemporâneos.

A despeito de tais restrições, é enganoso concluir que a fauna e flora do Novo Mundo, descrita pelos colonizadores ibéricos, não teve grande impacto na filosofia natural dos séculos XVI e XVII. Não raras vezes, cronistas espanhóis e portugueses tiveram suas obras compiladas e reescritas sem que, contudo, seus nomes fossem citados⁷⁹. Prática considerada normal neste período, a compilação de descrições e relatos de terceiros era feita sem que o autor original fosse citado, visto o entendimento destes homens de que o conhecimento era construído de forma coletiva⁸⁰.

Exemplo clássico desta prática, bem como do impacto causado pela descoberta da fauna herpetológica do Novo Mundo, é vista na obra *Serpentum, et Draconum Historiae* (1696) escrita pelo enciclopedista e filósofo natural Ulisses Aldrovandi. No capítulo XXII do primeiro livro, intitulado *De Serpentibus Exoticis*, o autor citou a existência de serpentes de grandes dimensões corporais em Cuba, Peru, Uruguai e no interior do Brasil (1669, p. 307), apesar de jamais ter saído da Europa⁸¹. Casos como o de Aldrovandi nos mostram que o grau de disseminação direta de uma obra não deve ser utilizado, enquanto critério absoluto, para mensurar a relevância da mesma.

Por fim, o decifrar dos signos que pudessem levar a um estabelecimento e exploração do Novo Mundo tinha de passar por um amplo inventário da mesma. Para além do que poderia ser embarcado e comercializado na metrópole, as descrições sobre as serpentes constantes nos relatos produzidos pelos colonizadores da América portuguesa do século XVI, nos ajudam a compreender como estes cronistas entendiam e se relacionavam com os perigos do mundo natural encontrados naquela nova colônia.

Fontes primárias

- Aldrovandi, Ulisses. *Serpentum, et Draconum Historiae*. Sumptibus Bibliothecae, 1696.
- Allen, J. R. Early Christian Symbolism in *Great Britain and Ireland before the Thirteenth Century*. London, Whiting & Co., 1887.
- Grévin, Jacques. *De Venenis, libri duo*. 1571.
- Kircher, Athanasius. *Arca de Noë*. Amsterdã. 1675.
- Montoya, Ruiz de. *Conquista Espiritual Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesus, em lãs Prouincias Del Paraguay, Parana, Vruaguay, y Tape*. Madris, Imprenta Del Reyno, 1639.
- Santo Antônio, Arcebispo de Florença. *Prima Quarta Pars Summe Reverendissimi in Christo Patris ac Domini Domini Antonini Archiepiscopi Florentini*. Basiléia, 1512.
- Virgílio. *Eneida Brasileira ou Tradução Poética da Epopéia de Publio Virgilio Maro*, Livro II. Tradução de Mauel Odorico Mendes. Paris, Typographia de Rignoux, 1854.

Bibliografia

- Anchieta, José de. *Cartas: Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. São Paulo, Ed. Itatiaia, 1988.
- Barber, Richard. *Bestiary: Being an English Version of the Bodleian Library, Oxford, MS Bodley 764*. Woodbridge, The Boydell Press, 1993.
- Beyersdorff, Margot. *Historia y drama ritual en los Andes bolivianos: (siglos XVI-XX)*. La Paz, Plural Editores, 1997.
- Bíblia Sagrada. *Gênese*. Tradução dos originais mediante versão dos monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo, Ed. Ave Cristo, 1978.
- Cardim, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo, Itatiaia, 1980.
- Costa, Kelerson Semerene. *Natureza, Colonização e Utopia na Obra de João Daniel*. História, Ciências e Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro. Vol. 1, suplemento, dez. 2007.
- Crane, Susan. *A Taxonomy of Creatures in the Second-Family Bestiary*. New Medieval Literatures, N° 10.
- Daniel, João. *Tesouro descoberto no rio Amazonas*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976 (T.1, 1ª, 2ª e 3ª pt.).
- Daston, Lorraine; Park, Katharine. *Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*. New York, Zone Books, 2001.
- Debus, Allen G. *O Homem e a Natureza no Renascimento*. Porto, Porto Editora, 2002.
- Delaunay, Paul. *La Zoologie au Seizième Siècle*. Paris, Hermann Éditeurs des Sciences et des Arts, 1997.
- Findlen, Paula. *Inventing Nature: Commerce, Art, and Science in the Early Modern Cabinet of Curiosities*. Smith, Pamela H.; Findlen, Paula. Merchants & Marvels. New York, London, Routledge, 2002.
- Foucault, Michel. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- Gandavo, Pero de Magalhães. *História da Província Santa Cruz*. Rio de Janeiro, Ed. Obelisco, 1963.
- Grant, Edward. *História da Filosofia Natural: do mundo antigo ao século XIX*. São Paulo, Editora Madras, 2009.
- Guiley, Rosemary Ellen. *The Encyclopedia of Magic and Alchemy*. New York, Facts on File, 2006.
- James, Montague Rhodes. *The Bestiary. History: The Quarterly Journal of the Historical Association*. N° 61, Vol. XVI, April, 1931.
- Kappler, Claude. *Monstros, Demônios e Encantamentos no fim da Idade Média*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- Lurker, Manfred. *Dicionário dos deuses e demônios*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- Mayr, Ernest. *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998.
- Morgan, Diane. *Snakes in Myth, Magic, and History: the story of a human obsession*. Westport, Conn, Praeger, 2008.
- Morris, Christine. *Animals into art in the ancient world*. Kalof, Linda (ed). A cultural history of animals in antiquity. Oxford, Berg, 2011.
- Mysyk, Avis Darlene. *Quetzalcoatl and Tezcatlipoca in Cuauquechollan (Valley of Atlixco, Mexico)*. Estud. Cult. Náhuatl, Vol. 43, 2012.
- Ogilvie, Brian W. *The Science of Describing: natural history in Renaissance Europe*. Chicago, University of Chicago Press, 2006.
- Pafilis, Panayiotis. *A Brief History of Greek Herpetology*. Bonn Zoological Bulletin, Issue 2, 2010.
- Papavero, N.; Llorente-Bousquets, J.; Espinosa-Organista, D. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el siglo de las Luces*. Volumen III: De Nicolás de Cusa a Francis Bacon (1493-1634). UNAM, México, 1995.
- Papavero, Nelsom; Pujol-Luz, José R. *Introdução Histórica à Biologia Comparada, com Especial Referência à Biogeografia*. Volume IV: de Descartes a Leibniz (1628 a 1716). Rio de Janeiro, Editora Universidade Rural, 1997.
- Papavero, Nelson; Teixeira, Dante Martins; Llorente-Bousquet, Jorge. *História da Biogeografia no período pré-evolutivo*. São Paulo, Plêiade, FAPESP, 1997.

- Papavero, Nelson; Teixeira, Dante Martins; Overal, William Leslie; Pujol-Luz, José Roberto. O "Tesouro Descoberto no rio Amazonas" do Pe. João Daiel (1758-1776). *O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos reatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Idelfonso (1777)*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.
- Radl, E. M. *Historia de las Teorías Biológicas*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- Rudwick, Martin J. S. *Bursting the limits of time: the reconstruction of geohistory in the Age of Revolution*. Chicago, The University of Chicago Press, 2005.
- Santos, Christian Fausto Moraes dos; Neto, Juscelino Pereira. A Natureza Americana nas Obras Turrís Babel e Arca Nôe do *Jesuíta Athanasius Kircher*. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, Nº 10, Maio, 2011.
- Santos, Eulália Maria Aparecida Moraes dos. *Dos Cometas do Nordeste aos Tesouros da Amazônia: os jesuítas João Daniel e José Monteiro da Rocha no contexto das ciências naturais do século XVIII*. Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2006.
- São José, Dom Frei João de São Joseph Queiroz. *Viagem e Visita do Sertão em o Bispado do Gram Pará em 1762-1763*. Escripta pelo Bispo D. Fr. João de S. José, monge beneditino. Revista Inst. Hist. Geogra. Brasil. 2ª ed., 1869.
- Soares, Francisco. *Coisas Notáveis do Brasil*. Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- Taunay, Afonso de E. *Zoologia fantástica do Brasil (séculos XVI e XVII)*. São Paulo, EDUSP, Museu Paulista, 1999.
- Thevet, André. *As Singularidades da França Antártica*. São Paulo, Ed. Itatiaia, 1978.
- Vitt, Laurie; Caldwell, Janalee. *Herpetology: an introductory biology of amphibians and reptiles*. San Diego, Academic Press, 2009.
- White, T. K.. *The Book of Beasts*. Madison, Parallel Press, 2002.

Referências Iconográficas

- Figura 1: Santo Antônio, Arcebispo de Florença. *Prima Quarta Pars Summe Reverendissimi in Christo Patris ac Domini Domini Antonini Archiepiscopi Florentini*. Basileia, 1512. Disponível em < www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/90079524?Rpp=20&pg=1&ft=basilisk&pos=1>. Acessado em 10 de Julho de 2012.
- Figura 2: Aldrovandi, Ulisses. *Serpentum, et Draconum Historiae*. Sumptibus Bibliothecae, 1696, p. 363.
- Figura 3: Aldrovandi, Ulisses. *Serpentum, et Draconum Historiae*. Sumptibus Bibliothecae, 1696, p. 366.
- Figura 4: Aldrovandi, Ulisses. *Le tavole acquerellate di Ulisse Aldrovandi*. Távola 4, ilustração número 132. Disponível em <www.filosofia.unibo.it/aldrovandi/pinakesweb/compdetail.asp?Compid=3425>. Acessado em 23 de Julho de 2012.
- Figura 5: Topsell, Edward. *The History of Four-Footed Beastes*. 1658.

Notas

- ¹Artigo resultante de pesquisa financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).
- ²Professor Pós-Doutor do Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM), coordenador do Laboratório de História, Ciência e Ambiente (LHC/UEM).
- ³Doutorando em História e Filosofia das Ciências pela Universidade de Lisboa, pesquisador do Laboratório de História, Ciência e Ambiente (LHC/UEM) e do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT).
- ⁴Investigadora en el Laboratorio de la Historia, la Ciencia y el Medio Ambiente (LHC - <http://www.dhi.uem.br/lhc/>)
- ⁵Diane Morgan, *Snakes in Myth, Magic, and History: the story of a human obsession*, Westport, Conn, Praeger, 2008, p. 1; Manfred Lurker, *Dicionário dos deuses e demônios*. São Paulo, Martins Fontes, 1993; Christine Morris, "Animals into art in the ancient world", in: Linda Kalof (ed.), *A cultural history of animals in antiquity*, Oxford, Berg, 2011, pp. 190-191.
- ⁶Virgílio, *Eneida Brasileira ou Tradução Poética da Epopéia de Publio Virgílio Maro*, Livro II, Tradução de Manuel Odorico Mendes, Paris, Typographia de Rignoux, 1854, p. 37; Panayiotis Pafilis, *A Brief History of Greek Herpetology*, Bonn Zoological Bulletin, Issue 2, 2010, pp. 329-345.
- ⁷Morgan, *op. cit.*, pp. 1-26.
- ⁸Pafilis, *op. cit.*, p. 330.
- ⁹Morgan, *op. cit.*, p. 18.
- ¹⁰Avis Darlene Mysyk, *Quetzalcoatl and Tezcatlipoca in Cuauhquechollan (Valley of Atlixco, Mexico)*. *Estud. cult. Náhuatl*, Vol. 43, pp. 115-138.

¹¹Margot Beyersdorff, *Historia y drama ritual en los Andes bolivianos (Siglos XVI-XX)*, La Paz, Plural Editores, 1997, p. 211.

¹²J. R. Allen, *Early Christian Symbolism in Great Britain and Ireland Before the Thirteenth Century*, London, Whiting & Co, 1887, pp. 38-40; Montague Rhodes James, "The Bestiary", in: *History: The Quarterly Journal of the Historical Association*, No. 61, Vol. XVI, April, 1931, pp. 1-11; T. K. White, *The Book of Beasts*, Madison, Parallel Press, 2002, pp. 168-169; Richard Barber, *Bestiary: Being an English Version of the Bodleian Library*, Oxford, MS Bodley 764, Woodbridge, The Boydell Press, 1993, pp. 184-185.

¹³Rosemary Ellen Guiley, *The Encyclopedia of Magic and Alchemy*, New York, Facts on File, 2006, pp. 34-35.

¹⁴Paul Delaunay, *La Zoologie au Seizième Siècle*, Paris, Hermann Éditeurs des Sciences et des Arts, 1997, pp. 80-81, pp. 260-261.

¹⁵Paula Findlen, "Inventing Nature: Commerce, Art, and Science in the Early Modern Cabinet of Curiosities", in: Pamela H. Smith; Paula Findlen, *Merchants & Marvels*, New York, London, Routledge, 2002, pp. 307-318; Susan Crane, *A Taxonomy of Creatures in the Second-Family Bestiary*, *New Medieval Literatures*, N 10, 2008, pp. 1-48.

¹⁶Claude Kappler, *Monstros, Demônios e Encantamentos no fim da Idade Média*, São Paulo, Martins Fontes, 1993; Katharine Park Lorraine Daston, *Wonders and the Order of Nature, 1150-1750*, New York, Zone Books, 2001, pp. 173-177.

¹⁷Delaunay, *op. cit.*, p. 261.

¹⁸A Teoria da Grande Cadeia do Ser, como ficou mais conhecida, era uma *teoria formacionista* que fundamentava os conhecimentos acerca do mundo natural. Pressupunha uma contínua escala dos seres, numa melhora linear e unidirecional ascendente, ou seja, da espécie mais imperfeita se ascenderia, numa única direção, sempre para a mais perfeita. Christian Fausto Moraes dos Santos, Rafael Dias da Silva Campos, *Em busca do Elo Perdido: A Cadeia do Ser e o desenvolvimento da Filosofia Natural européia setecentista*, História, Ciências, Saúde-Manguinhos, 2013 (prelo).

¹⁹Kappler, *op. cit.*, p. 15; Allen G. Debus. *O Homem e a Natureza no Renascimento*, Porto, Porto Editora, 2002, p. 12.

²⁰Filosofia natural era o estudo racional da natureza, de seus fenômenos e propriedades. A busca por um entendimento da natureza tendo como objetivo a compreensão de sua especificidade substancial. Para tanto, era objeto de estudo da filosofia natural aquilo que se era capaz de conhecer. Eulália Maria Aparecida Moraes dos Santos, *Dos Cometas do Nordeste aos Tesouros da Amazônia: os jesuítas João Daniel e José Monteiro da Rocha no contexto das ciências naturais do século XVIII*, Tese Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2006, p. 99; Edward Grant, *História da Filosofia Natural: do mundo antigo ao século XIX*, São Paulo, Editora Madras, 2009, p. 13; N. Papavero, J. Llorente-Bousquets, D. Espinosa-Organista, *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el siglo de las Luces*. Volumen III: De Nicolás de Cusa a Francis Bacon (1493-1634), UNAM, México, 1995, 1995, pp. 223-226.

²¹Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, tradução de Salma Tannus Muchail, 8º ed, São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 53; Eulália Maria Aparecida Moraes dos Santos, *Dos Cometas do Nordeste aos Tesouros da Amazônia: os jesuítas João Daniel e José Monteiro da Rocha no contexto das ciências naturais do século XVIII*, Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, 2006, p. 109.

²²André Thevet. *As Singularidades da França Antártica*. São Paulo, Ed. Itatiaia, 1978, p. 83.

²³Kappler, *op. cit.*; Daston & Park, *op. cit.*, pp. 173-177.

²⁴Thevet, *op. cit.*, p. 83.

²⁵Debus, *op. cit.*, p. 36; Papavero, Llorente-Bousquets, Espinosa-Organista, *Historia de la Biología...*, *op. cit.*, pp. 158-160.

²⁶Tradução do original: litteraria veterum monimenta personant, basiliscum esse animal adeo exitiosum, ut intuitu, sibilo, halitu, & tandem tactu non solum homines, fed caeteras sed caeteras etiam animantes perimar. Ulisses Aldrovandi, *Serpentum, et Draconum Historiae*, Sumptibus Bibliothecae, 1696, p. 369.

²⁷Guiley, *op. cit.*, p. 34.

²⁸Thevet, *op. cit.*, p. 83.

²⁹Aldrovandi escreveu a existência de diferentes tipos de basiliscos, dentro deles o africano, que se diferenciava dos demais por ser terrestre. Aldrovandi, *op. cit.*, p. 363.

³⁰*Ibidem*, p. 363.

³¹Francisco Soares, *Coisas Notáveis do Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1966, p. 21.

³²*Ibidem*, p. 207.

³³*Idem*.

³⁴*Idem*.

³⁵Pero de Magalhães Gandavo, *História da Província Santa Cruz*, Rio de Janeiro, Ed. Obelisco, 1963, p. 207.

³⁶Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, São Paulo, Edusp, 1971, p. 258.

³⁷*Idem*.

³⁸Laurie Vitt & Janalee Caldwell, *Herpetology: an Introductory Biology of Amphibians and Reptiles*, San Diego, Academic Press, 2009, p. 564.

³⁹Afonso de Taunay, *Zoologia fantástica do Brasil (Séculos XVI e XVII)*, São Paulo, EDUSP, Museu Paulista, 1999, p. 74.

- ⁴⁰José de Anchieta, *Cartas: Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*, São Paulo, Ed. Itatiaia, 1988, p. 122.
- ⁴¹Ruiz de Montoya, *Conquista Espiritual Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesus, em las Prouincias Del Paraguay, Parana, Vruguy, y Tape*, Madrid, Imprenta Del Reyno, 1639, p. 3.
- ⁴²Tradução do original: Ay unas culebras de quatro y cinco varas, que se sustentá de caça, subense a los arboles, por los caminos, a esperar la caça, de donde con gran velocidad se arrojan, y con estraña ligereza la rodean, y atan tan fuertemente, que en muy breve tiempo la matan, y fe la tragan, y suelen quedar estas culebras tan ocupadas q en ninguna manera se pueden menear, y como el calor que tienen no es bastante a digerir un grã venado, o jabali, bueluése al sol, y assi se le pudre (có la podrida carne de la caça) el vientre cria gussanos, a q acuden los paxarillos, q tienen pasto para muchos días, y en passando esta corrupció vuelbe a recobrar su cuero, y a quedar sana como de antes[...]. *Ibidem*, p. 3.
- ⁴³Nelson Papavero, et al., "O 'Tesouro Descoberto no rio Amazonas' do Pe. João Daiel (1758 – 1776)", in: *O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos reatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Idelfonso (1777)*, Belém, Museu Paranaense Emilio Goeldi, 2002, pp. 353-354; Kelerson Semerene Costa, "Natureza, Colonização e Utopia na Obra de João Daniel", *História, Ciências e Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, Vol. 1, suplemento, Dez. 2007, pp. 95-112.
- ⁴⁴Pe. João Daniel, *Tesouro descoberto no rio Amazonas*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976 (T.1, 1ª, 2ª e 3ª pt.), p. 187.
- ⁴⁵*Idem*, p. 187.
- ⁴⁶Dom Frei João de São Joseph Queiroz, *Viagem e Visita do Sertão em o Bispado do Gram Pará em 1762 – 1763. Escripta pelo Bispo D. Fr. João de S. José, monge benedictino*, Revta. Inst. Hist. geogra. Brasil. 2º ed., 1869, p. 75.
- ⁴⁷Ernest Mayr, *O desenvolvimento do pensamento biológico: diversidade, evolução e herança*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 114.
- ⁴⁸Edward Grant, *História da Filosofia Natural: do mundo antigo ao século XIX*, São Paulo, Editora Madras, 2009, p. 320.
- ⁴⁹Debus, *op. cit.*, p. 12; Foucault, *op. cit.*, p. 246.
- ⁵⁰E. M. Radl, *Historia de las Teorías Biológicas*, Madrid, Alianza Editorial, 1988.
- ⁵¹Grant, *op. cit.*, pp. 314-319.
- ⁵²Debus, *op. cit.*, p. 22.
- ⁵³*Ibidem*, p. 99; Martin J. S. Rudwick, *Bursting the Limits of Time: the Reconstruction of Geohistory in the Age of Revolution*, Chicago, The University of Chicago Press, 2005, pp. 117-118.
- ⁵⁴Radl, *op. cit.*; Nelson Papavero, Dante Martins Teixeira, Jorge Llorente-Bousquettes, *História da Biogeografia no período pré-evolutivo*, São Paulo, Plêiade, FAPESP, 1997, p. 53.
- ⁵⁵Papavero, Teixeira, Llorente-Bousquettes, *História da Biogeografia*, *op. cit.*, 1997, p. 47; Christian Fausto Moraes dos Santos, Juscelino Pereira Neto, "A Natureza Americana nas Obras Turris Babel e Arca Nôe do Jesuíta Athanasius Kircher", *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Ano IV, Nº 10, Maio 2011, p. 62.
- ⁵⁶*Bíblia Sagrada. Gênese. Tradução dos originais mediante versão dos monges de Maredsous* (Bélgica), São Paulo, Ed. Ave Cristo, 1978, p. 55.
- ⁵⁷Papavero, Teixeira, Llorente-Bousquettes, *op. cit.*, p. 53; Santos, Neto, *op. cit.*, p. 62.
- ⁵⁸Gandavo, *op. cit.*, p. 207; Sousa, *op. cit.*, p. 258; Montoya, *op. cit.*, p. 3; Daniel, *op. cit.*, p. 187; Soares, *op. cit.*, p. 21 e 207.
- ⁵⁹Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil*, São Paulo, Itatiaia, 1980, p. 31; Anchieta, *op. cit.*, p. 121.
- ⁶⁰Vitt e Caldwell, *op. cit.*, pp. 282-283.
- ⁶¹Anchieta, *op. cit.*, p. 121.
- ⁶²Sousa, *op. cit.*, p. 258.
- ⁶³*Idem*.
- ⁶⁴Montoya, *op. cit.*, p. 3.
- ⁶⁵Vitt e Caldwell, *op. cit.*, pp. 563-564.
- ⁶⁶Tradução do origina: "Ay otras culebras de tres y quatro varas, q habitan en matezas pantanosas, salen a la orilla a esperar la caça, y có estraña ligereza seltan, y la atan, y có vn huesso q tienen muy agudo en la cola procura herir la vía posterior, con q la rinden, la lleuan a su pátanosa habitacio, y si halla resistecia buelue a remojarse en el agua [...]". Montoya, *op. cit.*, p. 3.
- ⁶⁷Soares, *op. cit.*, p. 21.
- ⁶⁸*Idem*.
- ⁶⁹*Idem*.
- ⁷⁰*Idem*.
- ⁷¹*Idem*.
- ⁷²Vitt e Caldwell, *op. cit.*, p. 569.
- ⁷³Debus, *op. cit.*, p. 36.
- ⁷⁴Brian W. Ogilvie, *The Science of Describing: Natural History in Renaissance Europe*, Chicago, The University of Chicago Press, 2006, pp. 34-37.
- ⁷⁵Debus, *op. cit.*, p. 40.
- ⁷⁶Os pesquisadores e estudiosos nos séculos XVI e XVII recebiam a denominação de *curiosi rerum naturae* ou virtuosos.

Estes entendiam o conhecimento como uma atividade coletiva, portanto, os resultados obtidos individualmente eram transmitidos uns para os outros, para eventuais críticas ou adições. Nelson Papavero & José R. Pujol-Luz, *Introdução Histórica à Biologia Comparada, com Especial Referência à Biogeografia*, Volume IV: de Descartes a Leibniz (1628 a 1716). Rio de Janeiro, Editora Universidade Rural, 1997, p. 1.

⁷⁷Ogilvie, *op. cit.*, p. 54; Grant, *op. cit.*, pp. 354-358; Papavero e Pujol-Luz, *op. cit.*, pp. 1-3.

⁷⁸Debus, *op. cit.*, pp. 48-49.

⁷⁹*ibidem*, p. 48.

⁸⁰Papavero e Pujol-Luz, *op. cit.*, p. 1; Debus, *op. cit.*

⁸¹Papavero, Llorente-Bousquets, Espinosa-Organista, *op. cit.*, pp. 158-160.